

Ewald Tragy caminha pelo Graben¹ ao lado de seu pai. É preciso saber que é meio-dia de domingo, hora do passeio. Os fatos revelam a estação do ano: princípios de Setembro, um verão já gasto e cansado. Para algumas toilettes chega mesmo a não ser o primeiro. Por exemplo, para aquela verde-cor-da-moda da Senhora von Ronay e também para a da Senhora Wanka, em seda Foulard azul; se for um pouco retocada e avivada, pensa o jovem Tragy, decerto ainda durará mais um ano. Depois passa uma jovem e sorri. Enverga um crepe da china rosa-pálido, — mas luvas lustrosas. Os cavalheiros atrás dela nadam numa onda de benzina. E Tragy despreza-os. Despreza aliás toda esta gente. Mas cumprimenta muito educadamente, com uma certa delicadeza antiquada.

Só o faz, porém, quando o pai agradece ou cumprimenta. Não tem conhecimentos próprios. Em contrapartida são muitas as vezes que acompanha o pai no tirar do chapéu, já que este é um homem distinto, considerado, uma personalidade, por assim dizer. Tem um ar muito aristocrático, o que faz com que os jovens oficiais e os funcionários quase se sintam orgulhosos por poderem cumprimentá-lo. Quebrando um longo mutismo, o velho senhor diz então que «sim» e agradece generosamente. Este «sim» sonoro contribuiu para espa-

1 Avenida elegante em que se passeava a Praga do fim de século. (N. T.)

lhar o equívoco de que o senhor inspector e o seu filho estariam, no meio da confusão do passeio de domingo, a ter conversas profundas e importantes e que reinaria um raro acordo entre os dois. As conversas eram, no entanto, assim:

«Sim», diz o Senhor von Tragy, premiando deste modo a pergunta implícita expressa num cumprimento atencioso e que seria mais ou menos esta: «Não estou a ser bem comportado?»

«Sim», diz o senhor inspector como se se tratasse de uma absolvição.

Por vezes, Tragy, o filho, agarra literalmente nesse «sim» e rapidamente lhe junta a pergunta: «Quem era, papá?» E eis que aquele pobre «sim» ali fica com a pergunta atrelada, como uma locomotiva com quatro carruagens parada na linha errada, sem poder avançar nem recuar.

Senhor von Tragy, sênior, volta-se para trás, para o último cumprimento, não faz ideia de quem teria sido, mas ainda fica três passos a matutar e depois, num tom que inspira piedade, diz: «Siiim?»

De quando em quando, acrescenta: «O teu chapéu está mesmo cheio de pó».

«Pois», responde o jovem num tom submisso.

E ambos ficam tristes durante algum tempo.

Dez passos adiante, a imagem do chapéu poeirento tomou proporções desmesuradas nas mentes do pai e do filho.

«Está toda a gente a olhar para nós, é um escândalo», pensa o mais velho, e o mais novo esforça-se por recordar o aspecto do infeliz chapéu e onde poderá estar alojada essa poeira. Nas abas, ocorre-lhe, e pensa: «É impossível chegar lá. Era preciso que inventassem uma escova...»

É então que vê o chapéu fisicamente diante dele. Fica horrorizado: o Senhor von Tragy tirou-lhe sem meias medidas o chapéu da cabeça e, com os dedos metidos nas luvas vermelhas, começou a dar-lhe minuciosos piparotes para o limpar.

Durante uns instantes, Ewald fica a olhar para aquilo de cabeça descoberta. Depois, com um gesto indignado, arranca aquele ignóbil objecto das mãos delicadas do velho senhor e enfia o chapéu de feltro impetuosa e desordenadamente na cabeça. Como se os seus cabelos estivessem em chamas, exclama: «Oh papá» — e gostaria de acrescentar:

«Já fiz dezoito anos, — para passar por isto? ... tirares-me o chapéu da cabeça, — ao meio-dia de domingo, no meio desta gente toda?»

Mas não é capaz de pronunciar uma só palavra e fica com um nó na garganta.

Sente-se humilhado, pequeno, como que em roupas que deixaram de lhe servir.

E o senhor inspector, de súbito, está a caminhar lá longe na outra margem do passeio, rígido e majestoso. Não conhece o filho. E todo o domingo corre entre eles. Só que não há ninguém no meio da multidão que não saiba que os dois pertencem um ao outro, e todos lamentam o brutal acaso que os afastou daquela maneira. Desviam-se do caminho uns dos outros com toda a simpatia e compreensão, e só ficam satisfeitos quando vêem pai e filho de novo lado a lado. De quando em quando, constatam uma crescente parecença no andar e nos gestos de ambos e regozijam-se com isso. É que anteriormente o jovem esteve fora de casa, diz-se, no colégio militar. De lá regressou um dia — sabe-se lá porquê — muito alheado. E agora: «Repare só,» diz um velho e bondoso senhor que acabou de receber um «sim» do inspector, «já anda com a cabeça ligeiramente inclinada para a esquerda — tal como o pai —», e os olhos do velho senhor resplandecem de alegria perante esta descoberta.

Também as senhoras mais idosas se interessam pelo jovem. Ao passarem por ele, demoram-se com os seus largos olhares sobre ele, avaliam-no, emitem um juízo de valor: O pai era um homem bonito. Ainda o é. Ewald não o será. Não.

Sabe Deus com quem ele é parecido. Talvez com a mãe — (onde é que será que essa está metida?). Mas tem uma boa figura, se quiser vir a ser um bom dançarino... e a senhora mais idosa diz à filha vestida de cor-de-rosa: «Retribuíste cordialmente o cumprimento do Senhor von Tragy, Elly?»

Mas, no fundo, tudo isto é supérfluo, — a alegria do velho senhor e a prudente atenção da mãe de Elly. Pois, quando os dois homens abandonam o passeio público, virando para a estreita e vazia Herrengasse, o jovem diz respirando fundo:

«O último domingo.»

Foi uma inspiração bastante sonora. Contudo, o velho senhor não tem a intenção de responder nada. Este mutismo, pensa Ewald. É como uma cela para loucos furiosos, surda e implacavelmente acolchoada de todos lados.

Assim seguem até ao Deutsches Theater¹.

Aí, Tragy, o pai, pergunta-lhe de repente: «O quê?»

E Tragy, o filho, repete pacientemente: «O último domingo.»

«Sim», replica laconicamente o pai, «quem não sabe seguir os conselhos...» Pausa. Depois acrescenta: «Vai, vai queimar as asas, logo verás o que significa ser independente. Muito bem, faz as tuas experiências. Eu não tenho nada contra.»

«Mas pai», diz o jovem com alguma firmeza, «Penso que já falámos bastante sobre o assunto.»

«Mas ainda não sei o que é que tu queres ao certo. Ninguém se vai assim embora, sem um fito. Diz-me lá, o que é que afinal vais fazer em Munique?»

«Trabalhar —», é a resposta pronta de Ewald.

«Pooois — como se aqui não pudesses trabalhar!»

«Aqui», e o jovem esboça um sorriso superior.

1 Teatro Alemão. (N. T.)

O Senhor von Tragy mantém-se calmo: «Mas o que é que te falta aqui? Tens um quarto, as tuas refeições, todos te querem bem. E, além disso, aqui somos conhecidos e se tratares as pessoas correctamente, as portas das melhores casas estarão abertas para ti —»

«As pessoas, sempre as pessoas», prossegue o filho no mesmo tom sarcástico, «como se isso fosse tudo. Bem podem ir para o diabo, as pessoas — » (Ao dizer esta frase pomposa, lembra-se da história do chapéu e, consciente de que está a mentir), volta a insistir:

«São-me completamente indiferentes, — as pessoas. O que é que elas são, afinal de contas? Seres humanos — talvez?»

Agora é a vez de o velho senhor sorrir, um sorriso muito próprio algures no seu rosto distinto, não se sabe onde, se em volta dos lábios abaixo do bigode branco, se junto aos olhos.

Também dura pouco. Mas o rapaz de dezoito anos não se consegue esquecer; envergonha-se e tapa a sua vergonha com um sem fim de grandes palavreados. «Aliás», diz ele finalmente, fazendo um floreado impaciente com a mão, «tu pareces conhecer só duas coisas, as pessoas e o dinheiro. Para ti tudo gira à volta disso. Estendermo-nos de barriga para baixo perante as pessoas, esse é o caminho. E rastejarmos de barriga para baixo até ao dinheiro, esse é o objectivo. Não é?»

«Ainda vais necessitar das duas coisas, meu filho», diz o velho senhor pacientemente, «e, além disso, não é preciso rastejarmos para o dinheiro se o tivermos sempre.»

«E se não o tivermos, então —» o jovem Tragy hesita um pouco.

«Então?» pergunta o pai e aguarda.

«Ooh», diz o outro negligentemente fazendo um gesto de recusa com a mão. Parece-lhe bem começar uma nova frase. Mas o velho senhor não desiste: «então...» — e, terminando bruscamente, «tornamo-nos num maltrapilho, desonrando o bom e respeitável nome da família.»